

# DOS CONTOS DE FADAS AOS SUPERHERÓIS: MULHERES E HOMENS BRASILEIROS RECONFIGURAM IDENTIDADES

Maria Lúcia Rocha-Coutinho\*

## RESUMO

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que vimos desenvolvendo com estudantes universitários do Rio de Janeiro de ambos os sexos, com idades variando entre 18 e 28 anos. Foram entrevistados alunos vinculados a diferentes cursos, de universidades públicas e particulares, e seus discursos foram analisados. Nosso objetivo foi observar, entre outras coisas, como as contradições presentes no discurso social acerca de homens e mulheres na sociedade atual vão se apresentar nas expectativas desses jovens com relação a maternidade/paternidade, casamento, família, relacionamentos, sexualidade, carreira profissional, corpo e aparência física. A análise do discurso apontou para o fato de que novas atitudes e comportamentos são vistos não só como possíveis mas também como desejáveis. Sua aceitação, no entanto, parece ainda esbarrar nos antigos discursos definidores das identidades masculina e feminina, resultando na coexistência de discursos contraditórios e freqüentemente conflitantes.

Palavras chave: Gênero, Identidade, Discurso

\* Professora do Instituto de Psicologia - UFRJ

## ABSTRACT

From fairy tales to superheroes: Brazilian women and men redefine their identities.

This article presents part of the results of a research we have been developing with both male and female university students, aged 18 to 28, living in Rio de Janeiro. Students enrolled in different courses of public and private universities were interviewed and the resulting discourses were analyzed. Our aim was to observe, among other things, how the contradictions of social discourse on men and women influence these young people's expectations with relation to maternity/paternity, marriage, family, relationships, sexuality, professional career and physical appearance. The discourse analysis pointed out to the fact that new attitudes and behaviors on the part of women and men are perceived as not only possible but also as desirable. However, these new attitudes and behaviors still keep traces of the old discourses that used to define the identity of men and women, resulting in the coexistence of contradictory and often conflicting discourses.

Key Words: GENDER - IDENTITY - DISCOURSE

## INTRODUÇÃO: DE CINDERELAS E PRÍNCIPES

Com o surgimento da sociedade industrial moderna e a separação das esferas de produção e reprodução, estes dois âmbitos do cotidiano dos sujeitos começaram a desenvolver lógicas próprias – cujos eixos básicos são a afetividade no mundo doméstico da reprodução e a racionalidade no mundo público da produção – que vão marcar sobremaneira as identidades masculina e feminina. Desde logo, aos homens passa a caber o espaço público da produção e às mulheres é atribuída a responsabilidade pela reprodução em todas as suas formas, isto é, seu trabalho como “reprodutora” é naturalizado e a elas passa a caber a execução e a supervisão de uma série de tarefas conhecidas como “trabalho doméstico” e que se realizam no âmbito da unidade familiar.

Como consequência, características – positivamente valorizadas e supostamente importantes no mundo do trabalho – como racionalidade, perspicácia intelectual, pensamento lógico, capacidade e interesses profissionais e políticos, por exemplo, passaram a ser vistas como parte integrante da identidade masculina, em oposição a intuição, fragilidade, abnegação, docilidade, sensibilidade, entre outras,

supostamente fundamentais para o bom andamento do espaço doméstico, que foram tomadas como parte de uma “natureza” feminina, como definidoras da identidade feminina. Em decorrência disto, durante muito tempo a definição da identidade feminina sempre caminhou paralelamente a uma maciça discriminação das mulheres, uma vez que, a partir desta identidade, lhes foram negadas todas as capacidades socialmente valorizadas e que sempre garantiram a primazia dos homens na vida pública.

Acreditamos, contudo, que a identidade, seja ela de sexo, raça ou etnia, é sempre uma entidade abstrata, sem existência real, ainda que, de certa forma, indispensáveis como ponto de referência. Ela é uma construção discursiva que transcende as particularidades dos indivíduos e dos grupos restritos para inseri-los em um projeto globalizante e totalizador, em consonância com os anseios e mitos de uma sociedade particular em um momento histórico determinado.

Como assinala Ortiz (1985), a identidade não é algo fixo, imutável, mas, antes, é um constructo elaborado historicamente. Nele, as heterogeneidades, as diferenças, são dissolvidas, a partir do uso de um discurso totalizador que organiza

características fragmentadas em um todo coerente que passa a definir uma instância mais geral, como é o caso da feminilidade e da masculinidade. Assim, características esperadas, ou próprias, de algumas mulheres e homens acabam por definir as chamadas “identidades” feminina e masculina, isto é, acabam por ser vistas como parte de uma “natureza” feminina ou masculina.

É nosso ponto de vista que esta identidade social unificada é, e sempre foi, uma abstração, embora possa desempenhar importante papel na construção das identidades individuais. Como aponta Hall (1997), “the notion that identity has to do with people that look the same, feel the same, call themselves the same is nonsense. As a process, as a narrative, as a discourse, it is always told from the position of the Other” (p. 49).

Deste modo, identidades são continuamente formadas e transformadas em relação a nosso “outros”, de acordo com as diferentes maneiras como temos sido representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Nas sociedades contemporâneas, em que mudanças rápidas e constantes vêm ocorrendo, os sistemas globais de significado e de representação cultural, que coexistem com os sistemas locais (Ianni, 1996; Ortiz,

1994), propagam-se a uma velocidade tão extraordinária que tornam a ilusão de uma identidade unificada ainda mais intrincada.

Os sujeitos contemporâneos, portanto, confrontam-se com uma multiplicidade de identidades possíveis e mutáveis, com as quais eles podem, pelo menos de forma provisória, se identificar. O sujeito, assim, que costumava viver a falsa ilusão de uma identidade unificada e estável, está experimentando agora, nem sempre de forma consciente, uma identidade fragmentada, composta, não de uma identidade unitária, mas sim de identidades múltiplas e, freqüentemente, contraditórias.

Embora importantes transformações no papel de mulheres e homens em nossa sociedade tenham ocorrido nos últimos anos, é preciso não superestimar a profundidade dessas mudanças, nem tampouco acreditar que as desigualdades entre homens e mulheres nos espaços público e privado tenham sido erradicadas.

Sem dúvida, como conseqüência do questionamento da limitação da mulher aos papéis de esposa, mãe e educadora, em grande parte desencadeado pelos Movimentos Feministas da década de 1960, e com a entrada da mulher, especificamente

a de classe média, no mercado de trabalho – uma vez que a mulher das classes populares quase sempre trabalhou para garantir a sua sobrevivência e a sobrevivência da família -, a identidade feminina no Brasil foi sendo, pouco a pouco, alterada, não sem grandes dificuldades, para abarcar este novo papel da mulher, o de trabalhadora e pessoa engajada em uma carreira profissional.

Contudo, o que se pode observar é que as mulheres brasileiras continuam a sofrer discriminação, ainda que velada, no espaço público: geralmente seus salários são mais baixos do que os dos homens, elas têm menor acesso do que eles às garantias trabalhistas, com frequência não ocupam postos de chefia, e continuam sendo, em grande parte, segregadas em “guetos” ocupacionais, isto é, a maioria ainda está ligada a trabalhos educacionais, assistenciais e à prestação de serviços. Para muitos, inclusive mulheres, é o caráter complementar e secundário da atividade feminina na esfera produtiva, aliado, é claro, à inexistência de infra-estrutura de apoio, como creches, que, em grande parte, permite e legitima esta condição discriminatória no mercado de trabalho.

De forma diferente da discriminação aberta do passado, os mecanismos de exclusão hoje em dia são freqüentemente mais sutis. Pode-se afirmar, contudo, que as mulheres continuam a enfrentar maiores barreiras em sua busca por empregos melhores e mais gratificantes. Estas barreiras, em grande parte, são decorrentes de estereótipos tradicionais de gênero que, apesar de terem sofrido mudanças nos últimos anos, parecem ainda reforçar a idéia de que mulheres e homens têm características distintas e foram “talhados” para tipos diferentes de trabalho. Além disso, elas podem ser provenientes também de dificuldades estruturais por parte das próprias mulheres em contrabalançar carreira e maternidade, esta última um dos pilares da antiga identidade feminina.

Na prática, o que podemos observar ainda hoje é que o discurso social, apesar de ter incorporado este novo papel – o de trabalhadora interessada em sua carreira profissional – à identidade feminina e de ter, até certo ponto, questionado a doutrina da maternidade como essência, mudou muito pouco a sua definição de mulher, em especial no que tange a suas funções no espaço privado. Ou seja, continua-se a atribuir à mulher todos os encargos com a casa e a família, tributário a



características que, no fundo, a sociedade considera até agora como essencialmente femininas. Na verdade, portanto, parece que a identidade feminina não foi substancialmente alterada mas sim ampliada para incluir este novo papel da mulher, o de profissional competente.

Assim, para muitas mulheres brasileiras a família permanece uma prioridade, mesmo que para isso elas tenham que sacrificar possíveis satisfações em termos de crescimento profissional. Desta forma, freqüentemente sem se dar conta, a mulher muitas vezes continua a contribuir para a preservação do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que amiúde apenas a nível de discurso, se rebelou.

Ao contrário da mulher, cuja identidade sempre foi, pelo menos parcialmente, determinada por seu desempenho no lar, o trabalho e o sucesso no mundo público têm constituído, em grande parte, a identidade do homem tradicional. Assim, o homem tradicional nunca se sentiu responsável pelo espaço doméstico, a não ser por seu suporte financeiro. No máximo, ele ajudava a complementar essas tarefas, dificilmente tendo

plena consciência do que estava implicado no complexo funcionamento de uma casa e na criação de uma criança.

No que concerne à América Latina, em geral, e ao Brasil, em particular, os homens têm sido tradicionalmente descritos como “machistas” e seus comportamentos categorizados com o que se denominou “machismo”. Esta categoria apresenta os homens como agressivos, opressores, narcisistas, farristas, mulherengos, beberrões e possuidores de uma sexualidade incontrolável, entre outras características. Esta visão, que se popularizou na literatura social dos anos de 1950 e 1960 (Ramírez, 1993), apresentou-se, inicialmente, como um fenômeno que aparecia em sua forma mais radical nos camponeses e nas classes trabalhadoras, mas acabou por perpassar, de modo um tanto diferenciado, todas as camadas sociais.

A ideologia machista sempre esteve, em grande parte, associada à sexualidade: o “macho” é um ser predominantemente sexual. À mulher cabe o papel de objeto a ser possuído e de ceder ao homem. Este deverá satisfazê-la para provar a si mesmo e à sociedade sua potência. A ênfase sobre a sexualidade masculina, que sempre esteve muito

presente no discurso do homem latino-americano, pode ser observada em expressões e adjetivos utilizados nos xingamentos cotidianos, como “corno”, “bicha”, “maricas”, “vai se foder”, entre outros.

Outra característica marcante do machismo, e da masculinidade de modo geral, e que se impõe nos diversos segmentos sociais, é a visão do homem como provedor financeiro de sua família. O não cumprimento desta função, especialmente em alguns segmentos sociais, implica em irresponsabilidade e desonra e aqueles que não conseguem se manter no papel de provedores acabam, muitas vezes, por recorrer à exacerbação dos outros atributos do macho, em especial à sexualidade, para compensar esta suposta falha.

Contudo, como afirmamos antes, não existe, ao nosso ver, uma masculinidade, ou feminilidade, uniforme, estática, compartilhada igualmente por todos os homens e mulheres nos diferentes momentos históricos e em sociedades e grupos distintos. Identidades são continuamente formadas e transformadas em relação aos nossos Outros. Como conseqüência, uma visão acerca de homens e mulheres, especialmente no mundo atual em que diferentes discursos

coexistem e se transformam continuamente, deve não só levar em conta o fato de que o sujeito social é multidimensional como considerar os diferentes tipos de interação em que homens e mulheres se envolvem em suas relações cotidianas. Com a maior atuação da mulher de classe média no mundo público e, conseqüentemente, seu maior investimento em uma carreira profissional e maior independência financeira, parece que a identidade masculina é também alterada para abarcar os novos papéis e as novas relações nas quais o homem é levado a se envolver.

Para muitos, começa a surgir, assim, um “novo” homem, pelo menos a nível de discurso social, que valoriza uma maior participação nas atividades domésticas e, em especial, nos cuidados com os filhos. Sua presença no lar começa a ser vista como tão ou mais importante do que o suporte financeiro que ele pode oferecer. É o homem que investe não apenas em seu lado profissional, mas também em seu desenvolvimento e realização pessoais, que participa mais das tarefas da casa e compartilha com sua companheira de alguns dos “prazeres” da vida em família, como acompanhar o desenvolvimento dos filhos.

Acreditamos que este novo homem, no entanto, que procura livrar-se das pesadas imagens da virilidade e tenta forjar novos modelos é ainda, como as mulheres, alguém que oscila entre os diferentes discursos a que esteve exposto. Falta ao homem, como às mulheres atuais, um novo modelo de masculino, pelo menos nos moldes homogêneos em que ele se apresentava há algumas décadas. Esta ausência de modelos nos parece, aliás, algo próprio das sociedades contemporâneas. Segundo Giddens (1990), enquanto nas sociedades tradicionais “a tradição é o meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”, na modernidade, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (pp. 37-38). As identidades estáveis do passado, portanto, tornam-se, no momento atual de descontinuidade e fragmentação, como aponta Hall (1997), uma “celebração móvel”, isto é, são continuamente formadas e transformadas

“em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13).

Deste modo, o sujeito, previamente percebido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, assumindo identidades distintas – e algumas vezes contraditórias – em diferentes momentos, identidades que, muitas vezes, nem mesmo para ele próprio, são sentidas como unificadas em torno de um “eu” coerente. Como afirma Hall (1997), “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (p. 13).

Assim, do mesmo modo que as mulheres, os homens hoje parecem oscilar entre atitudes supostamente mais “modernas”, relacionadas aos novos papéis e posições deles esperados e por eles ocupados na sociedade, e mais “tradicionais”, isto é, vinculadas à antiga identidade masculina. Contudo, diferentemente das mulheres em que os novos modelos foram fruto de uma insatisfação pessoal e de uma árdua batalha levada adiante para que fossem socialmente aceitos, o novo modelo masculino foi, até certo ponto, fruto, não de uma insatisfação pessoal, mas desencadeado pelas alterações no papel e na

posição das mulheres na sociedade. Além disso, enquanto para as mulheres, “alcançar a outra margem” e abordar o terreno masculino do trabalho e da profissão é valorizador, para os homens, colocar-se no terreno doméstico “menor” das mulheres sempre foi considerado “desvirilizante” e, portanto, socialmente desvalorizado. Deste modo, ao contrário da mulher que compreendeu que, desenvolvendo, além de sua antiga feminilidade a parte “viril” do seu ser ela só se enriquece, a maioria dos homens ainda reluta em exprimir sua parte “feminina” porque teme perder sua virilidade e todas as vantagens a ela relacionadas e a que tem direito ainda no mundo atual.

Diferentemente de seus antecessores, no entanto, que foram educados dentro de um modelo tradicional de homem, voltado para o sucesso profissional e sexual e que pouco se envolviam nas questões domésticas, o homem atual foi exposto a um discurso que, pelo menos em seu nível mais aparente, encoraja um maior envolvimento e investimento nos planos afetivo e pessoal. Acreditamos, assim, que o antigo discurso do grande provedor e conquistador, ainda presente no discurso social, convive, no interior do homem atual, com o “novo”

discurso, cantado em versos por Gilberto Gil em *Superhomem*, em que “ser um homem feminino não fere o seu lado masculino”.

## NOSSO ESTUDO: CINDERELAS E PRÍNCIPES SE DIVIDEM E MULTIPLICAM

Com essas questões em mente, entrevistamos estudantes universitários do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, com idades variando entre 18 e 28 anos, com o objetivo de observar, entre outras coisas, como as contradições presentes no discurso social acerca do papel e da posição de homens e mulheres na sociedade atual vão se apresentar nas expectativas desses jovens com relação a maternidade/paternidade, casamento, família, relacionamentos, sexualidade, carreira profissional, corpo e aparência física.

Optamos por entrevistar universitários vinculados a diferentes cursos – que poderíamos agrupar em área biomédica, tecnológica, de ciências humanas e sociais, de letras e artes e de ciências jurídicas e econômicas –, a fim de incluir não apenas campos em que homens e mulheres vêm atuando regularmente (como letras e artes, no caso das mulheres, e



engenharia, no caso de homens), como também áreas tradicionalmente associadas ao sexo oposto.

Todas as entrevistas, que se assemelharam a conversas por ter uma estruturação invisível, foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes destas transcrições foram analisados a partir das seguintes categorias: maternidade/paternidade; carreira profissional; família e relacionamentos; sexualidade; relação com o corpo e aparência física. Nosso objetivo foi, a partir dos discursos dos entrevistados, inferir comportamentos esperados e/ou desejados e os sistemas ideológicos subjacentes a estes comportamentos (ver, a esse respeito, Schiffrin, 1996; Rocha-Coutinho, 1998). Isto porque acreditamos, como assinala Schiffrin (1996), que

the language used in narrative creates a story world in which both agentic and epistemic displays of self can position a story teller in a matrix of actions and beliefs that together display a social identity . . . To use a visual analogy, we can say that telling a story provides a self-portrait: a linguistic lens through which to discover peoples' own (somewhat idealized) views of themselves as situated in a social structure (pp. 198-99).

Assim sendo, estamos considerando a narrativa – e podemos aqui considerar os textos resultantes das entrevistas por nós realizadas como narrativas – como um modo de representação da identidade pessoal e social das pessoas, que pode ser percebida através da forma como elas verbalizam, organizam e situam suas experiências em um texto. Como assinala Schiffrin (1996), “the form, content, and performance of narrative all provide sensitive indices of our personal selves and our social and cultural identities” (p. 194). Em nossa análise, portanto, vamos tentar capturar estes processos focalizando não apenas o conteúdo do que é dito por nossos entrevistados mas também a forma – em seu sentido mais amplo, isto é, tanto em termos da estrutura textual quanto do modo como as coisas são contadas – do discurso por eles empregado.

De maneira geral, podemos afirmar que o discurso social que exalta a igualdade entre homens e mulheres convive, na fala de nossos entrevistados, com imensas disparidades em relação aos papéis sociais esperados de homens e mulheres. Esta questão perpassou todos os aspectos abordados nas entrevistas: maternidade/paternidade, vida profissional, relacionamento amoroso, exercício da sexualidade e a relação com o corpo e imagem de si mesmo.

Duas foram as principais formas encontradas por nossos entrevistados para conciliar os antigos discursos sobre o masculino e o feminino e os discursos supostamente mais modernos. A primeira delas, mais empregada pelas mulheres

do que pelos homens, foi situar as questões em termos de “escolhas pessoais”, isto é, as pessoas não mais precisam se submeter a papéis pré-estabelecidos. Elas têm liberdade agora de escolher como querem viver suas vidas, fazendo o que for melhor para elas. No caso das entrevistadas, este ponto aparece na decisão de ter ou não filhos, casar ou não casar, investir ou não em uma carreira profissional, tomar ou não a iniciativa nos relacionamentos amorosos, entre outras.

Para elas, assim, as mulheres tanto podem escolher repetir os “antigos” comportamentos esperados das mulheres como optar por atitudes mais “modernas”. Contudo, o que se pode observar é que a opção das entrevistadas foi, quase sempre, pelo meio termo, uma tentativa de conciliação entre os dois. Ou seja, parece que o discurso da “escolha” situa a mulher entre possibilidades que causam impasses que não são por elas vistos como tal.

Outra forma encontrada por nossos entrevistados, homens e mulheres, para conciliar discursos mais “antigos” e “modernos” foi estabelecer uma oposição entre o discursos genérico – “a maioria dos homens/mulheres pensa/age assim”- e o discurso pessoal – “eu penso/agiria assim”. A ocorrência

desta oposição reforçou nossas suspeitas iniciais de que, no momento atual, discursos distintos e, muitas vezes, contraditórios, ligados a posturas mais “tradicionais” e “modernas” co-ocorrem. Podemos acrescentar aqui, ainda, que, ao atribuir aos outros posições e crenças supostamente mais “antigas” nossos entrevistados estão evitando comprometer-se com estas visões, pelo menos abertamente, e eximindo-se de qualquer responsabilidade por sua manutenção, passando, assim, uma imagem supostamente mais “moderna” de si próprios.

Tal observação pode ser ainda mais significativa quando se observa que, apesar de presente no discurso das mulheres ele é mais forte no discurso dos homens. E é importante assinalar aqui que todas as entrevistadas eram do sexo feminino. Assim, é possível que os homens estivessem tentando passar uma imagem mais “moderna” de si próprios e, portanto, mais de acordo com o que eles imaginam que uma mulher esperaria de um homem em sintonia com o momento atual.

Ainda no sentido geral, cabe assinalar que, enquanto a maternidade interferiu, de uma forma ou de outra, em todas as áreas abordadas na entrevista das mulheres, a atuação

profissional permeou todo o discurso masculino. Parece, assim, que estes traços marcantes das antigas identidades feminina e masculina continuam a se fazer presentes no discurso de homens e mulheres atuais.

A maternidade foi definida pela maioria das mulheres entrevistadas como a essência da condição feminina (ser mulher = ser mãe), e a inscrição da maternidade em seu corpo serve de base para o discurso que a situa em uma posição de maior “capacidade”, maior predisposição para cuidar dos filhos e de crianças, de maneira geral. Nesse contexto, mesmo quando a importância na criação dos filhos é atribuída a ambos os pais, a responsabilidade pelo cuidado deles é vista em uma relação assimétrica em que ao homem parece ser destinado apenas um papel coadjuvante.

A mesma tendência pode ser observada no discurso de nossos entrevistados do sexo masculino. Apesar de reconhecerem a importância da participação dos pais na educação e na vida dos filhos – o bom pai é aquele que está sempre presente – e de que o cuidado com eles é de responsabilidade de ambos, pai e mãe, acabam por afirmar que, pela relação biológica da mulher com a maternidade e que

envolve a gravidez e a amamentação, ela é a mais indicada para cuidar do filho doente e para ficar com os filhos em caso de separação, até porque, segundo eles, os filhos preferem e precisam dela, são “naturalmente” mais apegados à mãe.

Além disso, muitos entrevistados afirmaram sentir-se desautorizados na relação com os filhos, acreditando estar invadindo um espaço feminino. Vários ressaltaram, inclusive, que a própria mulher tenta preservar esta relação simbiótica entre mãe e filho. Assim, segundo eles, à mãe cabe “criar” os filhos e ao pai “educá-los”, isto é, dar apoio, direção e a proteção que eles necessitam até “conseguir caminhar com as próprias pernas”.

O discurso social que privilegia a inserção da mulher no mercado de trabalho, um dos signos da “igualdade” entre os sexos, parece ocupar posição central tanto no discurso das mulheres quanto no discurso dos homens entrevistados. No caso das mulheres, ele aparece tanto na unânime importância dada ao exercício profissional em si quanto no descrédito concedido à limitação da mulher à esfera privada. Aspectos como realização, felicidade, crescimento pessoal e satisfação são situados em estreita correlação com o trabalho “fora de

casa”, trabalho este que, no entanto, apresenta algumas peculiaridades, fruto de sua coexistência com outra “prioridade”, a família.

O imperativo de que “mãe é mãe” e de que só ela sabe como melhor cuidar de seus filhos, no entanto, traz conseqüências tanto para as condições de trabalho que vão ser buscadas pelas mulheres – uma forma que procura conciliar as diferentes “prioridades “ (como, por exemplo, a escolha de Endocrinologia ou Oftalmologia pelas estudantes de medicina, áreas que não envolvem tantos plantões nos finais de semana, o que impossibilitaria o freqüente e regular investimento na família) –, quanto para a definição do momento em que se deve abrir mão do investimento em uma delas, o trabalho, para favorecer a outra, a família – como o adiamento da maternidade para quando a vida profissional estiver mais estabilizada e, assim, a mulher não precisar estar batalhando nas duas frentes ao mesmo tempo, podendo se dedicar mais integralmente à sua função de mãe.

Também no discurso dos homens entrevistados aparece a importância da mulher trabalhar fora de casa, investir em uma carreira profissional. Para alguns, essa atuação feminina

está ligada ao retorno financeiro que ela acarreta, isto é, ao aumento da renda familiar, e que se faz necessário hoje em dia para se constituir uma família. Para a maioria dos entrevistados, no entanto, a importância do trabalho fora de casa está ligado ao crescimento pessoal da mulher, ao desenvolvimento de sua independência, o que acaba por possibilitar que o homem possa trocar com ela experiências, desenvolver uma relação de igualdade com base no companheirismo e na cumplicidade, o que seria dificultado se ela se limitasse ao espaço “fechado” e “estagnado” do lar, dependendo economicamente dele.

Quanto aos homens, o investimento em uma carreira profissional se apresenta como fundamental no discurso de nossos entrevistados. Para eles, o homem deve ser o responsável pelo bem-estar financeiro e emocional de sua família. Palavras como “alicerce”, “esteio”, “sustentáculo”, aparecem no discurso dos entrevistados referindo-se ao papel do homem na família.

Para os homens entrevistados é fundamental que o homem invista em sua carreira a fim de ter o retorno financeiro necessário para constituir uma família. Para eles, o homem deve ser capaz de dar a sua família não apenas o essencial –



como casa, alimentação, educação e saúde – como também o supérfluo – como lazer, viagens, passeios, conforto, bens materiais – que parece estar alcançando *status* importância cada vez maior no mundo atual. Sendo assim, o sucesso profissional parece constituir ainda uma prioridade no mundo masculino. E, do mesmo modo que no caso das mulheres as diferentes prioridades se chocam, também aqui o investimento profissional dificulta o seu investimento na vida em família. Isto é, para nossos entrevistados é sentido como difícil a conciliação da vida pública – que tanto o ocupa e que é fundamental para que ele alcance seus objetivos de ser um bom provedor – com a vida privada – afazeres domésticos e filhos – , que também demandam dele atenção, cuidado e, principalmente, tempo.

É importante assinalar aqui que, também para as mulheres entrevistadas, o homem continua a ser visto como o provedor. Assim, do mesmo modo que elas vêem a participação do homem em casa como uma “ajuda”, elas também ainda percebem sua participação na economia doméstica como um auxílio, especialmente na atual conjuntura econômica do país que, como homens e mulheres afirmaram,

inviabiliza que apenas um membro do casal trabalhe fora de casa.

Ou seja, podemos observar aqui um entrecruzamento de discursos contraditórios em que, apesar de ambos acreditarem que as despesas e os trabalhos domésticos devem ser divididos, tanto o homem quanto a mulher, acabam por esperar do homem uma “ajuda” nos afazeres domésticos, tanto quanto se espera da mulher uma contribuição financeira. Assim, parece que homens e mulheres continuam a, no fundo, acreditar que as mulheres são responsáveis pelos cuidados com a casa e os filhos e os homens responsáveis pelo seu sustento.

Ainda a respeito do exercício profissional e da legitimação da atuação da mulher no mercado de trabalho, nossas entrevistadas vêem como difícil a aceitação, por parte de seus companheiros, de que seu salário ou cargo seja maior ou mais importante do que o deles. A inexistência de problemas, neste caso, entre o casal, parece condicionado a características especiais do homem, como ser sensível, compreensivo, aberto ao diálogo. Também os homens entrevistados vêem como difícil a aceitação, por parte dos homens em geral – não necessariamente deles – o fato das mulheres casadas terem um retorno financeiro ou ocuparem cargos superiores aos de seus maridos. Segundo eles, quando isto acontece, o homem se sente inferior, dependente e dominado por ela e isso assusta, pois contradiz a lógica do homem provedor.

O impasse com o qual homens e mulheres se defrontam aqui parece estar relacionado a uma “infração à norma social”. Ou seja, podemos ver aí a permanência do antigo discurso social que não considera “normal” que as mulheres ganhem mais ou se dêem melhor no mundo público, um espaço que sempre foi percebido como do domínio masculino. Temos aí algo semelhante à visão da atuação do homem no espaço privado: não é “normal” que ele se responsabilize por este espaço que sempre foi visto como da mulher.

No que tange aos relacionamentos, a maioria dos homens e mulheres afirmou desejar, em algum momento, encontrar um(a) parceiro/a e constituir uma família. Contudo, para que isso ocorra, tanto os homens entrevistados quanto as mulheres, afirmaram ser pré-condição que eles tenham se estabelecido profissionalmente e tenham alcançado uma estabilidade financeira. Ambos buscam neste tipo de relação mais estável cumplicidade, respeito, confiança, troca, companheirismo. O sexo é visto como muito importante, mas o amor é indispensável para o bom andamento desta relação.

Chamou a nossa atenção aqui a visão romântica que parece prevalecer no que diz respeito ao encontro de um(a)

parceiro/a. No caso das mulheres, a antiga idéia do “príncipe encantado” permanece, ainda que com nova roupagem, assumindo agora a forma do “homem ideal”, que apresenta características distintas: ele respeita a mulher, é fiel, carinhoso, companheiro, cúmplice, alguém em quem se pode confiar e com quem se pode contar em todas as horas. Também os homens entrevistados assinalaram o respeito, a confiança, a fidelidade, a cumplicidade e o diálogo como os principais ingredientes de uma vida a dois. Eles querem encontrar uma companheira, cúmplice, alguém com quem possam compartilhar seus problemas, sua vida, com quem possam contar em todas as horas

O casamento oficial parece ter perdido a importância para nossos entrevistados, pelo menos em um nível mais geral, mas o papel do ritual e do aspecto simbólico da união mereceu destaque, especialmente para as mulheres. Quase todos os homens afirmaram achar o ritual bonito, mas não fundamental. Segundo eles, o ritual é mais importante para a mulher e eles não se incomodam de casar com toda a pompa se sua companheira assim o desejar. No caso das entrevistadas, todas as que já haviam se casado passaram pelo ritual do casamento

na igreja seguido de festa e a maioria das solteiras afirmou querer casar na igreja, de véu, grinalda e tudo mais a que tem direito, ressaltando que cada mulher, no entanto, deve fazer sua própria escolha a esse respeito.

A maioria dos homens entrevistados ressaltou que a entrada da mulher no mercado de trabalho alterou a relação entre homens e mulheres, estabelecendo uma igualdade de direitos. Esta igualdade foi vista como positiva, uma vez que o homem passou a ter alguém com quem compartilhar tudo, até mesmo as angústias vividas no trabalho que antes não faziam parte da vida das mulheres. Muitos dos entrevistados apontam a mulher atual como uma pessoa menos recatada, menos submissa e mais liberada, não apenas na vida pública mas também na vida privada, reconhecendo que isto acaba por determinar uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres. Uma leitura mais atenta dos textos resultantes das entrevistas, tanto de homens como de mulheres, parece mostrar que as coisas podem não ter se alterado tanto assim.

No que diz respeito, especificamente, à tomada de iniciativa, esta continua a ser vista pelos entrevistados, tanto os homens como as mulheres, como uma atitude marcadamente

masculina. Ambos afirmaram que, na verdade, qualquer um dos dois pode, em princípio, tomar a iniciativa, mas reconhecem que, quando realizada pela mulher, a iniciativa deve assumir certas roupagens, como a sutileza e a discrição, para que ela não se exponha demais e não seja vista como vulgar. Para ambos, uma mulher muito direta assusta os homens, que não estão ainda – inclusive segundo eles próprios – preparados para serem seduzidos.

No que tange à sexualidade, nossas entrevistadas afirmaram que muita coisa mudou para a mulher a esse respeito. Todas assinalaram que a virgindade não é relevante para a maioria dos homens e mulheres, e que, às vezes, ocorre, inclusive o oposto, isto é, uma cobrança no sentido inverso, por parte tanto de amigas mulheres como do próprio homem. Contudo, diferentemente do que se espera do homem, para nossas entrevistadas não se aceita que ela seja muito “rodada”, isto é, que tenha tido muitos parceiros. A preocupação com a virgindade parece estar cedendo lugar a uma preocupação com a escolha tanto do momento certo para iniciar e manter uma vida sexual ativa quanto do parceiro ideal.

O imperativo do sexo com amor aparece no discurso delas com força total: o amor deve acompanhar inevitavelmente o sexo. Não que o sexo não possa existir para a mulher fora de uma relação amorosa, mas o sexo pelo sexo, muito comum e enfatizado no caso dos homens, ainda não parece amplamente aceito no caso das mulheres e é negativamente valorizado por nossas entrevistadas. As diferentes posições em relação à sexualidade de homens e mulheres foram, em grande parte, justificadas por nossas entrevistadas a partir do antigo discurso de naturalização de certas características masculinas em oposição às femininas.

Nesta mesma direção, para nossos entrevistados, nem mulheres nem homens estão mais preocupados com a virgindade. Segundo eles, inclusive, os homens hoje querem se relacionar com mulheres mais experientes e até se assustam com a responsabilidade de tirar a virgindade de uma mulher porque criam-se muitas expectativas. Segundo eles, se houver amor e consciência, nada impede que uma mulher e um homem se relacionem sexualmente. A maioria de nossos entrevistados atribuiu grande valor ao sexo, visto como primordial para os homens, até porque, também segundo eles, o homem tem uma

necessidade fisiológica maior de sexo do que a mulher. A maioria dos entrevistados homens, no entanto, como a maioria das mulheres, ressaltou a importância do amor, do companheirismo, e da participação dos dois no relacionamento sexual.

No que diz respeito à relação com o corpo e a aparência física, parece que a preocupação com a beleza foi deslocada e fundamentada por uma via mais indireta, a da maior valorização da saúde e dos meios que a promovem. Ou seja, a valorização do corpo pelo viés do discurso social da importância da saúde surge em oposição ao mero “culto ao corpo”, que evidencia somente seu caráter estético, visto pelas entrevistadas como negativo uma vez que se impõe à mulher como exigência do outro, o que reforçaria a antiga imagem da mulher-objeto.

Contudo, para nossas entrevistadas, estar dentro do padrão de beleza atual parece ainda influenciar muito a vida da mulher, tanto na hora de “arranjar” um companheiro, quanto na hora de conseguir um emprego. Podemos dizer, no entanto, que a beleza e sua importância são enunciadas agora de um outro lugar, como algo que não serve à rigidez dos



antigos padrões físicos de beleza, mas que carrega, sobretudo, aspectos que são por elas definidos como “aparência”, ser desejável, bem cuidada, elegante, saudável.

Cabe acrescentar, que algumas diferenças são apontadas por nossas entrevistadas no que diz respeito ao estatuto conferido à beleza por/para homens e mulheres. Em oposição ao que elas consideram ideal na mulher – ser bela, inteligente, culta, “sarada” e sensual –, no homem, o que elas parecem valorizar é o “saber conversar”, ser inteligente, saber conquistar e envolver uma mulher. Contudo, para a maioria delas, os homens estão começando a ter maior preocupação com sua aparência física, com tornar-se mais “desejável” para as mulheres, talvez como decorrência do fato das mulheres de hoje serem mais exigentes.

Quanto aos homens entrevistados, a maioria assinalou que o maior interesse pelo corpo ocorreu na puberdade, momento em que foram levados a prestar maior atenção a ele em decorrência das mudanças físicas pelas quais estavam passando. Hoje, já adultos, se desligaram desta preocupação. Contudo, ao mesmo tempo que quase todos afirmam não prestar muita atenção à aparência, valorizando mais seu lado

interior, a maioria ressaltou que gostaria de ter o corpo mais malhado, de adotar uma alimentação mais balanceada, preocupar-se com a saúde. Também para os homens, a preocupação com o corpo é deslocada para o discurso atual de preocupação com a saúde.

Sobre a preocupação com a beleza física, reconhecem que, hoje em dia, uma boa aparência é fundamental, inclusive em termos do mercado de trabalho. Para eles, a imagem – estar bem vestido, bem apresentável, com os cabelos, dentes e unhas cuidados – é fundamental na hora de se conseguir e manter um emprego, e isto é válido tanto para homens quanto para mulheres. Contudo, cuidar-se simplesmente por uma questão estética, é mais associado por eles às mulheres, consideradas mais vaidosas do que os homens. Segundo a maioria dos entrevistados, os homens são mais exigentes com a beleza feminina do que com a própria. Eles observam, no entanto, que, apesar da beleza ser importante numa mulher, especialmente num primeiro contato, ela não é fundamental.

## CONCLUSÃO: OS SUPERHERÓIS ATUAIS

A análise das entrevistas aponta para o fato de que homens e mulheres cariocas parecem ainda oscilar muito entre os dois modelos idealizados de masculino e feminino a que estiveram expostos: o modelo tradicional que preconizava a separação das esferas de atuação de homens e mulheres e o modelo moderno que apregoa a divisão de direitos e deveres.

No discurso aberto de nossos entrevistados, parece, por vezes, que a ideologia modernizante acerca do papel e da posição de homens e mulheres na sociedade vai prevalecer sobre antigas visões do masculino e do feminino. Assim, ambos afirmam, sem hesitação, em um primeiro momento, por exemplo, que mulheres e homens são igualmente responsáveis pelo cuidado dos filhos e sustento da família, que as tarefas dentro de casa devem ser divididas entre eles e que o investimento de ambos em uma carreira profissional é fundamental para seu próprio bem-estar e para o de seu companheiro, entre outras coisas.

Mas – e sempre esbarramos com a adversativa *mas* em seus discursos – logo a seguir se contradizem, afirmando que ninguém cuida melhor dos filhos do que a própria mãe, que é

quem sente e tem efetivamente maior responsabilidade sobre eles, uma vez que um laço especial a une ao filho desde o útero, que o homem atual “ajuda” a mulher a cuidar da casa e da família e que o salário desta complementa o do homem, visto ainda como o principal responsável pelo sustento financeiro da família

Uma série de mudanças, pelo menos no nível discursivo, são apontadas como pilares dos novos papéis de homens e mulheres nos espaços público e privado. Podemos observar, no entanto, que a relação homem-mulher vem atualizar não apenas as nuances dessas mudanças, como também vem reeditar antigas atribuições, adaptando-as às novas exigências.

Assim, o papel social desempenhado pela mulher, que limitava sua esfera de atuação ao espaço privado do lar, bem como o não envolvimento do homem neste domínio, foram bastante condenados por nossos entrevistados, tanto homens quanto mulheres. Entretanto, pelo menos no discurso de nossos entrevistados, parece que é justamente nesta área que as diferenças entre homens e mulheres ainda se fazem sentir de forma mais forte. A inscrição da maternidade no corpo da

mulher traz conseqüências ainda hoje para sua atuação dentro e fora de casa.

Aspectos como realização, felicidade, crescimento pessoal, satisfação, independência financeira são associados ao trabalho da mulher “fora de casa”, pelas mulheres e homens entrevistados. E cabe assinalar aqui que quase todos os homens entrevistados afirmaram ser a relação com uma mulher que trabalha muito mais rica e positiva, possibilitando um compartilhar de experiências que favorece o companheirismo por eles buscado numa vida a dois.

Contudo, o trabalho fora de casa apresenta algumas peculiaridades, uma vez que deve coexistir com outra prioridade feminina, a família. Tal fato traz conseqüências tanto em termos das condições de trabalho que são buscadas pela mulher – numa forma que procura conciliar as diferentes “prioridades” – quanto da definição do melhor momento para abrir mão de uma delas – ainda que temporariamente –, o trabalho, para favorecer a outra, a família. Como se pode observar, é nesta interseção carreira-família que vão se configurar os grandes impasses enfrentados pela mulher em

seu percurso singular de atuação que, por si só, como assinalamos antes, já a situam distante da pretensa “igualdade”.

Uma série de mudanças foram apontadas por nossos entrevistados no que diz respeito à sexualidade, família e relacionamentos, e à relação com o corpo e a aparência física. Contudo, estas mudanças parecem ainda se situar muito mais em nível de discurso e de atitudes desejadas do que de atitudes efetivamente levadas a cabo, uma vez que o discurso sobre a maioria destas questões é carregado de contradições. Podemos apontar aqui, no entanto, o fato de mulheres e homens concordarem que o mais importante em um relacionamento – que pode assumir as mais diferentes formas hoje em dia – é o amor e o crescimento pessoal. Assim, ambos buscam agora relações mais igualitárias, calcadas no companheirismo, na cumplicidade, no respeito.

Podemos concluir afirmando que novas atitudes e comportamentos por parte de homens e mulheres são vistos por nossos entrevistados não só como possíveis mas também como desejáveis. Sua aceitação, no entanto, ainda esbarra nos antigos discursos definidores das identidades masculina e feminina, resultando na coexistência de discursos contraditórios

e, muitas vezes, conflitantes. Parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades. Assim, homens e mulheres acabam exigindo de si próprios que sejam múltiplos, verdadeiros superheróis, como aqueles que esta geração aprendeu a admirar e cultuar na infância.

#### Referências Bibliográficas:

GIDDENS, A (1990). *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press.

HALL, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*.

Tradução de Tomaz, T. S. & Guacira, L. L.

Rio de Janeiro: DP & A Editora.

IANNI, O (1996). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ORTIZ, R.(1985). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_ (1994). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.

- RAMÍREZ, R. L. (1993). *Dime capitán: reflexiones sobre la masculinidad*. Puerto Rico: Ediciones Huracán.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. (1998). A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In: Souza, L., Quintal de Freitas, M.F. & Rodrigues, M.M.P. (orgs). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SCHIFFRIN, D. (1996). Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society*, 25, pp.167-203.